

A MORTE HERÓICA: TRANSFIGURAR A VIDA PELA MEDITAÇÃO NA MORTE¹

José Pedro Serra
Universidade de Lisboa

"Assim, {Ifidamante} aí tombando, adormeceu num sono de bronze, o infeliz, longe da mulher com quem casara, defendendo os seus concidadãos, longe da jovem mulher de quem não conheceu todas as graças, ainda que por ela muito tenha oferecido." (*Il.*, XI, 241-243)

Com estas palavras sóbrias, talhadas numa serenidade de pedra, anuncia Homero a morte de um herói. Não é este, de entre os heróis, o mais ilustre, e o seu nome não alcançará a fama e a glória de Aquiles, de Heitor, de Pátroclo ou de Agamémnon, às mãos de quem sucumbiu. Ainda assim concede-lhe o poeta o estatuto de herói e, da obscuridade do esquecimento, emerge o perfil da sua figura e a grandeza dos seus gestos. Na margem do que é dito adivinha-se a elevação, a solenidade, a beleza, a dor da morte de um herói. Vejo jazendo no

¹ Este texto, nunca publicado, redigido há mais de uma década, foi apresentado no *I Congresso Nacional sobre O homem e a morte*, realizado na Reitoria da Universidade de Lisboa. Foi o Senhor Professor Victor Jabouille quem, nessa altura, quando não há muito eu entrara como assistente para o Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, me exortou a escrevê-lo e a participar no Congresso. Apesar do tempo decorrido, reconheço neste texto as grandes questões e os grandes temas que ainda me ocupam. No momento de mais uma homenagem ao Senhor Professor Jabouille, pareceu-me oportuno e apropriado reanimar estas folhas, – como bastantes vezes mo sugerira –, mas agora devolvendo-as a ele, em gesto de homenagem e agradecimento que mergulha num tempo já antigo.

solo, pela vida abandonado, o corpo morto de Ifidamante, que a funesta divindade ceifou na amável flor da juventude, nu, despojado das suas armas, envolvido em nuvens de pó e manchas de sangue. Do seu ardor, do zelo que punha na guerra não resta senão esta imobilidade de bronze. Sobre o seu cadáver pesa a ameaça das aves de rapina e dos cães selvagens, prontos a dilacerarem-no, a mutilarem-no, a roubar-lhe as honras fúnebres e, deste modo, a sepultarem-no no esquecimento. Longe, certamente entre as muralhas, a jovem mulher, coração sobressaltado, prepara – quem sabe? – o leito onde espera fruir os prazeres do amor com aquele que ama; ou talvez esteja antes tecendo, ou bordando as mais finas vestes que em tempo de paz ornamentarão o corpo jovem e viril do seu esposo amado. Os deuses, porém, não atenderam às suas preces e, longe do olhar, Ifidamante jaz morto na planície. Pelas faces da jovem viúva em breve correrão tépidas lágrimas e a sua arte, as vestes agora inúteis, serão rasgadas e lançadas ao fogo. Possa algum dos troianos, generosamente, carregar o cadáver e entregá-lo à família que o tratará e lhe concederá as honras fúnebres. Poderá, assim, a sua mulher chorá-lo por ter perdido a vida bem cedo e lamentar-se pelos filhos que nunca chegaram a ter.

A relação estreita entre a morte e a vida heróica, tão nítida já no episódio, menor, que citámos, amplia-se e intensifica-se se a olharmos à luz dos feitos dos mais ilustres guerreiros. Pode, com razão, ser a *Ilíada* considerada um longo canto de morte, da bela morte, não tanto pelas pilhas de cadáveres que mais ou menos continuamente vão ardendo, cenário habitual desta guerra, mas sobretudo pelo fascínio crescente pelo grande encontro, misteriosamente alegre e terrível, do herói com a morte, sentido por este como um subtil destino. Logo no início, no canto I, ultrajado e desonrado pelo insulto público proferido pelos chefes dos Aqueus, Aquiles retira-se para junto das côncavas naus e dirige uma súplica a sua mãe, Tétis: «Mãe, uma vez que me geraste para uma tão breve vida, devia Zeus Olímpico, Senhor do trovão, conceder-me ao menos alguma honra.» (I, 352-354). A deusa responde-lhe: «Ai, meu filho, para que te criei eu, que terrível geração! Pudesses tu permanecer junto das naus, sem lágrimas e sem penas, uma vez que breve é o teu destino e de curta duração. E agora avanças para uma morte célere, desgraçado mais que todos. Para este infortunado destino te dei à luz no palácio.» (I, 414-418). É nesta tensão entre a honra e a glória e a efemeridade da vida, a morte, que se revelará o heroísmo de Aquiles. Se a vocação do filho de Peleu – vocação cuja natureza mais à frente abordaremos – é a morte, deparamos com a mesma atitude naquele que, mau grado todas as diferenças, é o

contraponto troiano do herói grego – Heitor. Perante as lamentações e a dor de Andrômaca, sua mulher, que, com horror, e pressentindo a sorte, o vê partir para a guerra, Heitor afirma. «Isto sei-o eu bem, pelo pensamento e pelo coração, um dia virá em que perecerão a sagrada Ílion e Príamo, e o povo de Príamo de forte lança.» (VI, 447-449). Consciente do rude destino que espera Andrômaca, depois da sua própria morte, trabalhando no tear de alguma mulher da Grécia, findos que foram os dias da sua liberdade, o herói não vacila e mantém-se firme no que para ele se revela como uma fatalidade. Eis as suas palavras: «Então, um dia, alguém dirá ao ver as lágrimas correrem-te: "Esta era a mulher de Heitor, que foi na batalha o mais nobre dos troianos domadores de cavalos, quando combatiam à volta de Ílion". Assim dirão um dia; e será para ti uma nova dor, despojada de um tal homem, lutar contra a escravidão. Mas que eu morra, que a terra se amontoe sobre o meu túmulo, antes que me aperceba dos teus gritos e da violência com que te hão-de arrastar.» (VI, 459-465). É, contudo, a partir da Patrocleia, nome por que é conhecido o Canto XVI da *Ilíada*, que a morte se torna numa presença obsessiva. Permanecendo retirado da batalha para castigo de Agamémnon, irredutível na sua cólera, Aquiles concede porém que o seu companheiro Pátroclo regresse ao combate para auxílio dos Aqueus. A generosa morte de Pátroclo às mãos de Heitor, na afirmação suprema do seu heroísmo, faz desencadear um ciclo que apenas termina com o resgate do corpo de Heitor. Para Aquiles, o sofrimento pela morte do seu amigo Pátroclo marca o momento definitivo e irreversível da conversão ao destino do seu ser: morrer jovem mas glorioso. Aquiles regressa ao combate e é para Heitor, exclusivamente para Heitor, que dirige agora o seu olhar e a força das suas armas. Nesse confronto não há possibilidade de acordo, é uma luta de morte: ou morrerá um ou outro. São estas as palavras de Aquiles, mais uma vez dirigidas a Tétis: «Minha mãe, o Olímpico, é certo, atendeu-me. Mas que alegria posso eu ter uma vez que o meu companheiro morreu, Pátroclo, aquele que de entre os meus companheiros mais estimava, tanto quanto a minha própria cabeça. A esse perdi-o. (...) E agora parto para me encontrar com quem destruiu aquela cabeça amada, com Heitor. A morte, hei-de recebê-la quando Zeus e os outros imortais quiserem que se cumpra. (...) Também eu hei-de jazer quando morrer. Mas agora possa eu alcançar uma nobre glória.» (XVIII, 79-82; 114-116; 120-121). A cólera de Aquiles não se extingue, porém, com a morte do inimigo, mas prolonga-se na tentativa de mutilação do cadáver, arrastado então pelos cavalos à volta do corpo morto de Pátroclo. Só o pedido do velho Príamo, implorando

pela entrega do que resta de Heitor, apagará a ira de Aquiles, lembrado do seu próprio pai que esperará em vão pelo seu regresso. E tal como Pátroclo, ao morrer, tinha predito a morte próxima de Heitor, também as últimas palavras deste anunciam o que de início já sabíamos: a morte de Aquiles. Com a certeza da morte deste herói, cumpre-se no final da *Iliada*, o ciclo da morte heróica a que antes me referi.

O interesse da análise que apresentámos não é tanto o de demonstrar a presença dominante da morte na *Iliada*, mas o de revelar, através dela, aspectos essenciais da atitude heróica. A consciência da fugacidade da vida e da inevitabilidade da morte, a finitude do gesto e a precariedade da acção, levam o herói homérico a exceder-se nessa mesma acção, a entregar-se disponível e generosamente à nobreza do gesto, que é também a da palavra, e desta forma a transfigurar a miserável condição dos mortais – sonho de uma sombra, como diz Píndaro. Ouçamos mais uma vez as palavras de Homero, agora na boca de Sarpédon: «Meu amigo, se, na condição de escaparmos a esta guerra, pudéssemos permanecer para sempre isentos da velhice e da morte, nem eu próprio combateria nas primeiras linhas, nem te enviaria a ti para a batalha que dá glória; mas, uma vez que as divindades da morte se levantam aos milhares e que não é possível a um humano delas fugir ou evitá-las, avancemos e concedamos glória a outro, ou esse que no-la dê.» (12, 320-328). É no cumprimento de algo que o ultrapassa, nessa atitude superlativa e excessiva, que o herói se reconhece, identificando a sua vocação, vocação que lhe surge como um destino, que não pode nem quer recusar. E se na assumpção deste risco da morte, a morte vier, não pode deixar ela de ser vista como uma espécie de celebração, afirmação máxima do herói que, embora consciente da efemeridade da vida, sabe também que cada momento é em si e absolutamente único e irrepetível, e que nele se revela uma ruptura, uma tensão que aspira a algo mais. Fundamenta-se este comportamento, em meu entender, num profundo sentido da festa, sem a qual não há heroísmo. Se permanecermos, porém, nesta película cosmética do gesto nobre corremos o risco de reduzir a atitude heróica a uma simples expressão emocional, ornamentada com as vestes de uma beleza estéril e vazia. Nada mais errado. Para uma antiga sabedoria, de que os poemas homéricos fazem eco, a experiência heróica é uma experiência autêntica, iluminativa, um dos caminhos de realização profunda e espiritual do homem: o caminho do guerreiro. É nesta perspectiva que a vida heróica foi para a cultura antiga motivo de reflexão.

Neste momento é necessário colocar duas questões: em primeiro lugar é necessário pensar o que significa a guerra heróica e, em segundo lugar, qual a natureza do desejo de glória. Antes de mais importa realçar que a guerra heróica não é uma guerra comum, não só pelo tipo de armas, necessariamente belas e brilhantes, condizentes com a natureza solar do herói, mas, sobretudo, pela índole do combate travado. A guerra homérica é a luta de um herói contra outro herói, luta individualizada e não anónima e sombria, luta em que cada um assume um perfil nítido – a sua linhagem – na luminosidade de um dia claro. É uma luta de um inimigo contra outro inimigo, não de adversários cúmplices na mesma disfarçada ambição, um inimigo respeitado e até amado, porque obriga a uma conversão daquele que o defronta, porque exige a cada guerreiro, antes de mais, uma vitória sobre si próprio. O inimigo é uma graça dos deuses, tanto quanto o raro dom da amizade. A guerra com o outro remete para a guerra interior, e sem o ascético triunfo nesta, não se pode vencer na outra. Não há por isso nenhuma semelhança entre este heroísmo e outros pretensos heroísmos – também o heroísmo tem várias facetas – heroísmos tantas vezes demagogicamente aproveitados, no seio dos quais se apela a uma coragem inconsequente, enraizada em instintos e pulsões infra-rationais, sinal de uma grave inversão. Parece-me a mim que ao herói se exige o domínio da sua energia física, expresso numa espécie de dança ritual da guerra, e não a entrega a uma espécie de dionisismo desordenado, baseado em obscuras paixões, qualquer que seja a justificação. De igual modo, não se fundamenta a guerra heróica nem em ambições territoriais, nem em razões económicas ou de qualquer espécie – tudo isto é secundário –, mas sim, e paradoxalmente num puro amor à guerra. Os que assim vivem são os guerreiros. Os outros podem ser soldados, ou mercenários ou assassinos. Sabe-se que o herói combate para obter glória, é certo, mas sendo assim, precisa esta afirmação de ser esclarecida. Nas sociedades excêntricas, isto é, em que o centro não se encontra na interioridade do homem, na autonomia da sua vontade ou pensamento, mas em que a vida colectiva se vai organizando à volta de um paradigma que a estrutura, nestas sociedades, a reputação, a fama e a glória têm evidentemente um papel decisivo. Todavia, a glória pela qual o herói luta não é nem o princípio que o move à luta, nem causa final, é antes o reconhecimento, a ratificação que, tornando-o imortal, acompanha necessariamente a sua excelência – em grego diz-se ἀρετή, qualidade que faz de alguns os ἄριστοι, os melhores. Não devemos, no entanto, confundir estas duas instâncias:

se, cronologicamente, elas são simultâneas, é o κλέος, a glória, que se funda na ἀρετή, e esta mantém uma primazia em relação àquela.

Não é na *Ilíada* que encontramos a melhor ilustração do que afirmamos, mas numa outra epopeia que tem com ela algumas semelhanças, o Bhagavad-Gita. Quando o guerreiro Arjuna, antes de se iniciar a batalha, olha para as fileiras inimigas e aí vê familiares, amigos, mestres, o seu espírito perturba-se e as suas forças desfalecem. Arjuna pensa renunciar à batalha. Que vale qualquer vitória se isso implica a morte daqueles que ama? Que reino, que império vale tal perda? É então que Krishna, que conduz o carro de batalha, lhe concede uma iluminação, uma clarificação interior. Como se tivesse acesso a uma visão de cima, Arjuna vê a vida nas suas múltiplas e intrincadas dependências, no ciclo de causalidades, tantas vezes mecânicas, a que como um destino ninguém se pode subtrair. Só assumindo radicalmente a acção, cumprindo o destino, pode o guerreiro transfigurar-se. O seu crime é, ao contrário, a acção incompleta, porque para o guerreiro vitória ou derrota são uma e a mesma coisa. Arjuna deve realizar a acção independentemente das consequências dela. Era este ponto, que diz respeito a uma exigência absoluta na experiência heróica que eu queria salientar, independentemente do contexto doutrinal do poema, sobre o qual de modo algum me quero debruçar.

Face a isto Aquiles tem alguma coisa a mais, ou a menos: a sua cólera. É, no entanto, ela que faz do filho de Peleu uma personalidade de extremos que não pode deixar de captar a nossa simpatia. Aquiles é a força vulcânica e por vezes bárbara, *the best and, the beast of the Achaeans*, mas é também um ser sensível à juventude e beleza de Briseida e à gentileza de Pátroclo. Alguns comentadores consideram a morte de Pátroclo o castigo para a cólera de Aquiles, que preferia ver os restantes Aqueus abandonados à desgraça, e de alguma forma reposta a sua honra, a ver a cidade de Tróia destruída. Segundo esta interpretação, que não creio legítima, só a morte do amigo restabeleceria os laços de solidariedade, antes cortados, com os restantes gregos. A morte de Pátroclo seria o castigo para o crime de Aquiles. Não o julgo assim. Que pode fazer Aquiles, esse herói de extremos, se o insultaram irremediavelmente na sua τιμή, na sua honra? Para tal insulto não há conciliação possível, por mais hábeis que fossem os embaixadores enviados a Aquiles por Agamémnon com esse fim. Não há solução, não há remédio, não há acordo possível. E se Aquiles regressa ao combate é porque é mais importante honrar a morte de Pátroclo do que abandonar o Atrida. Aquiles paga o seu extremismo com

a solidão. A cólera irredutível de Aquiles revela a faceta trágica deste herói épico.

Na sua fúria, Aquiles toca o barbarismo, a crueldade extrema que se manifesta no tratamento cruel que aplica ao cadáver de Heitor. Por nós já acima referido, tocamos aqui o último tema da nossa reflexão. A obsessão pela morte a que, como mostrei, se assiste do canto XVI até ao final da *Ilíada* é acompanhada pela crescente importância do tema da mutilação do corpo. Sabemos bem que os rituais fúnebres desempenham importantíssimo papel na cultura antiga e particularmente nos poemas homéricos. Acreditava-se que a alma, ou melhor, o εἶδολον, a imagem que se desprendia do corpo, não podia ingressar no reino de Hades, terminando assim o ciclo a que estava destinada, enquanto se não desse a sepultura conveniente ao morto – esta a faceta religiosa sobre a qual não me vou deter. Na sociedade homérica, porém, junta-se ainda uma outra dimensão. O túmulo, contendo os ossos purificados pelo fogo, constitui o σῆμα, o sinal da glória do herói na terra que, deste modo, continuamente lembrado e cantado, atinge a imortalidade na memória, a única a que um simples mortal pode aspirar. Destruir o corpo morto do inimigo, entregá-lo às aves de rapina e aos cães selvagens é aniquilá-lo na memória, retirar-lhe o túmulo e por isso sair brutal e totalmente vencedor, porventura arriscando-se a destruir os alicerces em que a própria sociedade assenta. Compreende-se assim a brutalidade do desejo de Aquiles, dando largas à sua colera, quando, recusando qualquer acordo ou pedido de Heitor, ameaça comer a sua carne crua. «Não me implores, cão, nem pelos meus joelhos, nem pelos meus pais. Possa o ardor do meu próprio coração levar-me a dilacerar e a devorar a tua carne crua.» (XXII, 345-347). Depois de um crescendo que engloba vários tipos de ameaças, o tema da mutilação alcança a máxima intensidade. Devorar a carne crua significa alterar e inverter a ordem cósmica consagrada no sacrifício. Este estabelece que aos deuses devem ser oferecidos os odores que exalam da carne e das gorduras queimadas, perfume a que os imortais são sensíveis, pois eles não se alimentam do que nasce da terra, mas de ambrósia, e nas suas veias não corre sangue, mas *icor*. Aos homens, imersos no ciclo do nascimento e da morte, pertencem os alimentos cozinhados, marca indelével de civilização, distinguindo-se assim das bestas selvagens que praticam a alelofagia, isto é, que se devoram mutuamente. Encontra-se assim estabelecido o estatuto do humano entre os deuses, isentos da morte e da velhice, e a natureza selvagem das bestas. A ameaça de Aquiles é terrível, horrorosa. Como todos os que trilham caminhos difíceis há sempre a possibilidade de cair no oposto ao pro-

jectado, no reflexo invertido, vil e mesquinho da grandeza épica. Seria demasiada injustiça para estes heróis. Os deuses não o consentiram e com os poderes que são os seus protegeram os cadáveres de Sarpédon, Pátroclo e Heitor, corrigindo assim os desvarios dos heróis. Sarpédon será sepultado na sua terra, a Lícia, Pátroclo terá grandes honras fúnebres, Heitor será venerado em Tróia. Nunca, como na sua morte, foi a sua beleza realçada como se depreende das palavras de Hécuba: «Agora, banhado de orvalho e cheio de frescura, jazes morto neste palácio, semelhante àquele que Apolo de arco argênteo veio matar com as suas flechas doces.» (XXIV, 756-758).

Saber se e como é hoje possível a vida heróica, constitui um tema para uma outra reflexão. A vida heróica exige um prolongamento literário na palavra do aedo que assegura com a sua voz a perenidade do herói. É no canto do poeta, fiel depositário de uma nobre tradição, que Aquiles se revê. Essas palavras, que nos chegam de um tempo envelhecido, foram motivo de reflexão para uma longa tradição. Faríamos mal em desprezá-las. Por mim, consciente da minha finitude, vou construindo, com o que a vida me oferece, a minha barca da morte, a minha, que ninguém pode construir por mim. E se os deuses o consentirem, generosamente e de olhos abertos, gostaria de ter, última celebração, o meu dia de cinzas.